Apolo e Jacinto



Claudio Donato

1

"Os espelhos estão cheios de gente.
Os invisíveis nos veem.
Os esquecidos se lembram de nós.
Quando nos vemos, os vemos.
Quando nos vamos, se vão?"

Eduardo Galeano: Espelhos

PREÂMBULO

Há mais de 2000 anos, há muito mais de 2000 anos, muito antes do nascimento de Cristo e muito depois do nascimento e morte de outros deuses, a linguagem e a interpretação das coisas era denominada, antes, como mito. Mito era o termo grego que se traduzia por palavra. Com a morte dos deuses e dos mitos, nasce a filosofia, cuja tradução

ou re-tradução da linguagem mítica, daquele momento em diante, passou a ser chamada: logos.

Mito e logos, portanto, significam, originariamente: palavra.

Obviamente que, quando a filosofia surge, o mito é superado como palavra vigente até então, sendo substituída pela linguagem "lógica": o logos filosófico.

Todo esse preâmbulo nos prepara para a entrada no tema em questão aqui: a origem da homossexualidade; notadamente, a origem mítico-sagrada do que se entende hoje por homossexualidade ou homoerotismo.

O amor de um deus por um mortal: Apolo e Jacinto; o amor entre iguais: o mito do andrógino; o amor entre um soldado e um famoso filósofo.

O mito de Apolo e Jacinto e o mito do andrógino, cuja descrição e apologia (defesa) encontramos no texto o Banquete, de Platão, são explicações de mundo em linguagem mítica e sagrada.

Essas explicações de mundo, sobre a origem da homossexualidade, são narrativas milenares e antiquíssimas, anteriores ao nascimento de Cristo e posteriores à morte dos deuses antigos.

Presente no livro o Banquete, de Platão, a explicação da origem da homossexualidade, na descrição do mito do andrógino, se confunde,

também, com o tema mesmo do livro o Banquete: o tema do amor: Eros.

No final deste ensaio, apresento minha própria explicação psicanalítico-filosófica, não sobre a origem da homossexualidade, agora imemorial e inacessível, mas sobre a relação amorosa entre dois outros grandes homens gregos: o amor entre o soldado Alcibíades e o mais famoso dos filósofos gregos: Sócrates.

Minha explicação descritiva fenomenológica nomeei assim: *Ton eroticon* (do amor).

Apolo e Jacinto

Apolo amava um homem chamado Jacinto. Eles eram dois homens inseparáveis.

Um dia, enquanto os homens se divertiam num jogo de lançamento de discos, Apolo, vigorosamente, lança o artefato alto demais e, ao cair, o disco atinge Jacinto de modo mortal.

O jovem amante, Jacinto, caiu desmaiado. O deus Apolo, aflito, tenta salvar a vida do amado, mas não o consegue: Jacinto morre.

Apolo, em desespero:

> Morreste, Jacinto - exclamou Apolo -, roubado por mim de tua juventude. O sofrimento é teu, e meu o crime. Pudesse eu morrer por ti! Como, porém, isso é impossível, viverás comigo, na memória e no canto. Minha lira há de celebrar-te, meu canto contará teu destino e tu te

> transformarás numa flor gravada com minha saudade.

Apolo transforma seu amado numa bela flor, doravante chamada de jacinto e, sempre que a primavera volta faz reviver seu amado em cuja memória de flor, Apolo relembra o trágico destino do seu amor. Jacinto, assim, é a memória e a celebração da dor e do amor, que morre e renasce em flor a cada nova e primavera estação.

O mito do andrógino: explicação mítica da origem da homossexualidade.

Presente no livro *o Banquete*, de Platão, a explicação da origem da homossexualidade, na descrição do mito do andrógino, se confunde,

também, com o tema mesmo do livro *o Banquete*: o tema do amor: Eros.

Excerto de *o Banquete*:

"Com efeito, parece-me os homens absolutamente não terem percebido o poder do amor, que se o percebessem, os maiores templos e altares lhe prepararíam, e os maiores sacrifícios lhe fariam, não como agora que nada disso há em sua honra, quando mais que tudo deve haver. É ele com efeito o deus mais amigo do homem, protetor e médico desses males, de cuja cura dependeria sem dúvida a maior felicidade para o gênero humano. Tentarei eu portanto iniciar-vos em seu poder, e vós o ensinareis

aos outros. Mas é preciso primeiro aprenderdes a natureza humana e as suas vicissitudes. Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado,